

Metáforas, hipérboles e metonímias, uma jogada de efeito – o discurso do radiojornalismo esportivo *

João Batista de Abreu¹

Resumo

O discurso radiofônico e a produção do real na narrativa esportiva. O imaginário popular e a emoção do jogo. Análise da transmissão de uma partida de futebol entre Vasco e Flamengo. As expressões utilizadas pelos locutores para criar um espetáculo independente do jogo em si. Breve histórico da narração do futebol no rádio.

Palavras-chave: rádio esportivo, futebol, discurso radiofônico

*“A transmissão esportiva no Brasil constitui um gênero à parte.
Uma espécie de ópera sonora, muitas vezes superior
ao espetáculo que supostamente procura descrever”
(Luiz Carlos Saroldi).²*

Gol. Poucos anglicismos conquistaram uma identificação tão popular quanto esta palavrinha mágica de apenas três letras que, no original em inglês (*goal*), significa “meta”, “objetivo”. Pois o objetivo deste trabalho é estudar a narrativa esportiva no rádio, buscando identificar os recursos sonoros e de linguagem que visam recriar o jogo de futebol. Pretende-se investigar o discurso que permanece subjacente à narração esportiva, comparando-o com outros discursos que estimulam a competição (individual ou coletiva). A idéia é mostrar que a narração radiofônica adquire vida própria, independentemente do jogo em questão, através da produção de sentidos específicos que compõem um campo de representações em que o futebol aparece como pano de fundo.

Não desejo aprofundar a análise sociológica que vê o futebol como válvula de escape para o processo de exploração e submissão a que estão sujeitos os segmentos economicamente mais baixos da população, justamente onde se concentram 75% da audiência radiofônica de onda média no Brasil. Não é à toa que as transmissões esportivas continuam ocupando a faixa de onda média (AM), embora a frequência modulada (FM) seja utilizada comercialmente no País há mais

* Trabalho elaborado para a disciplina Comunicação e Significação, do Prof. Dr. Milton José Pinto, do programa de pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1º semestre de 2000.

¹ Professor adjunto do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, mestre em Comunicação e doutorando pela UFRJ, jornalista e sociólogo.

² SAROLDI, Luiz Carlos. O rádio no Brasil, gravação do Serviço Brasileiro da BBC.

de 30 anos. Não se trata de enxergar o espetáculo esportivo como o circo da sociedade moderna. A questão é a forma como se cria este universo paralelo; suas características, seu ritmo, o tempo, o silêncio, a sonoplastia e o êxtase consubstanciado no grito de gol.

O desafio consiste em analisar a oralidade deste tipo de discurso não como algo informal, sujeito às regras de uma conversação, mas como um enunciado elaborado e construído para dar a impressão de informalidade. Uma construção do real em que a narração, embora repleta de improvisos, obedece a normas próprias, que visam vender emoções.

O trabalho divide-se em três partes. Uma primeira consiste na apreciação genérica da narração esportiva, relacionando os recursos semiológicos utilizados e seus efeitos entre os ouvintes. A segunda parte refere-se à análise da transmissão radiofônica do jogo Vasco e Flamengo, na final do Campeonato de Futebol do Estado do Rio, em junho de 1999. A emissora escolhida foi a Rádio Globo, líder de audiência no Rio de Janeiro. A última parte do trabalho faz um breve histórico da locução esportiva desde a década de 30, quando surgiram os primeiros *speakers*, buscando recuperar histórias pitorescas que caracterizavam o rádio da época.

RÁDIO, UM MEIO VISUAL

Para prender a atenção do ouvinte, a narrativa esportiva recria o objeto descrito, emprestando-lhe cor, vida e simbolismo próprios do rádio, que estimulam o imaginário popular. A mercadoria simbólica é a emoção do torcedor, sua identificação com o time e os jogadores que o representam. A paixão despejada em mais um “jogo de vida ou morte”. No noticiário esportivo, toda partida tem uma importância especial, mesmo quando se trata de amistoso. Se não fosse assim, como vender emoções?

As metáforas, metonímias, hipérboles, onomatopéias, concretizadas nos bordões, transformam-se em recursos estilísticos, que dão forma à narração, permitindo ao ouvinte visualizar o campo de disputa e os jogadores. Ao contrário do que se possa pensar, o rádio é um meio essencialmente visual. Os olhos constituem a imaginação do ouvinte, o que aumenta a polissemia interpretativa. Uma imagem em cada mente.

A enunciação – como o ato de produção de um texto – consiste na busca constante da emoção através de polarizações como sucesso e fracasso, fortuna e falência, amor e ódio, glória e decadência, virtuosismo e incompetência. Não há lugar para o meio termo. Por isso, o vice-campeão no Brasil tem quase tanto valor quanto o último colocado. Sustentado na oralidade, o enunciado representa a materialização destas emoções, nestes 180 minutos da transmissão esportiva, incluindo o pré-jogo, a guerra de torcidas, a entrada em campo das equipes, as

entrevistas antes da partida, os comentários do intervalo e, depois do jogo, as gravações dos gols e as entrevistas de vestiário. Os 90 minutos de narração da partida representam a principal parte do espetáculo, o ápice do extravasamento das tensões. Para quem acompanha o jogo preocupado apenas com o resultado, a vinheta estridente – geralmente um sinal agudo – chama a atenção na hora de anunciar tempo e placar.

Os verbos, quase todos metafóricos, expressam o movimento dos jogadores, do juiz, bandeirinhas, técnico e torcida. Muitos destes verbos são trazidos do vocabulário popular e incorporados à narrativa, o que estabelece uma identificação de linguagem entre locutor e ouvinte. Existe um simulacro de interatividade, na medida em que o ouvinte tem a impressão de estar falando com um igual, alguém capaz de sentar-se com ele à mesa do bar para ouvir o jogo.

A narração realça o futebol como um espetáculo que extrapola o mero entretenimento. O locutor usa expressões como “festa da decisão” e “futebol show”, para qualificar a partida final do Campeonato. Estimula-se o imaginário do ouvinte, através basicamente de três recursos semiológicos:

- a) **identificação** – as expressões fazem parte do vocabulário popular, seja porque dele foram extraídas, seja porque acabam sendo absorvidas por força da mídia. Temos aqui um caso de interação de linguagem, em que locutores e ouvintes se complementam. Primeiro o “homem da rua” cria novos significados para as palavras – “bola nossa”, “afunda mais”, “se manda, vai embora”, “descola uma jogada”, “mata a jogada”, “primeiro gol acaba”, “parou, parou, parou”. O rádio se apropria destas expressões, absorvendo seu significado ou criando um novo e, ao incorporá-las ao discurso da narração esportiva, potencializa seu efeito. Não há distinção de classe social na proposta discursiva, na medida em que se utiliza uma linguagem popular mas que pode ser absorvida sem problemas por qualquer camada social. Isso porque no Brasil o futebol e o carnaval estão entre as poucas manifestações populares que conseguem anular – ou pelo menos atenuar – o flagrante abismo social existente. Milton José Pinto observa que os especialistas sempre enfrentaram dificuldades para contextualizar discursos que têm como ponto de partida textos de cultura – no nosso caso, a linguagem da cultura popular reapropriada pelos meios de comunicação.

A produção, a circulação e o consumo dos textos são controlados pelas forças socioculturais, mas os textos também constituem a sociedade e a cultura, de um modo que pode ser tanto transformativo como reprodutivo, e a análise não pode separá-los.

Esta relação, ou este controle, não são nunca mecânicos. Não se pode pensar a causalidade em ciências humanas e sociais da mesma forma como é pensada pelas ciências da natureza.³

- Os craques, protagonistas do espetáculo esportivo, dividem espaço com os protagonistas do espetáculo radiofônico, os locutores, repórteres e comentaristas. Estes rebatizam os jogadores com nomes que possuem a dupla função de deificar o artista da bola (como personagem olimpiano) e simultaneamente aproximá-lo do público ouvinte. Os grandes craques ganham o direito de serem chamados pelo apelido. “Diamante Negro (Leônidas da Silva)”, “Divino” (Domingos da Guia), “Filho do Divino” (Ademir da Guia), “Enciclopédia” (Nilton Santos), “Possesso” (Amarildo), “Canhotinha de Ouro” (Gerson), “Animal” (Edmundo), “Baixinho” (Romário), “Dinamite” (Roberto), “Galinho de Quintino” (Zico), “Capacete” (Junior), “Xerife” (Fontana), “Furacão” (Jairzinho), “Pantera” (Ademar).⁴
 - Chama-se de “artilheiro” o atacante encarregado de fazer os gols, numa alusão à artilharia que destrói o inimigo. Mais recentemente, o artilheiro passou a ser chamado também de “matador”. Muda-se o nome, mantém-se a conotação belicista. Os goleiros, geralmente de maior estatura, ganham adjetivos hiperbólicos, como “goleirão” ou “goleiraço”, e os zagueiros viram “becões”. Os médio-volantes tornaram-se “cabeças de área” ou “carregadores de piano” para os “virtuosos” do meio campo. Se o jogador dribla muito, arrisca-se a entrar para o rol do “futebol moleque”. A molecagem está associada à alegria e consiste em brincar com o adversário, às vezes humilhá-lo, coisa na qual o mestre Garrincha é insuperável até hoje.
- b) **visualização** – por sua riqueza de alternativas, o vocabulário cria um jogo particular, alimentado pelo imaginário popular. Vale lembrar a célebre resposta de Orson Welles a um amigo que, nos anos 30, enaltecia as maravilhas da televisão nos Estados Unidos: “Mas no rádio a tela é muito mais ampla”, argumentava o idealizador do programa que simulou uma invasão de marcianos em New Jersey, em 1938. /// Assim expressões como “intermediária”, “quebradas da direita”, “zona do agrião”, “córner de mangas curtas” indicam zonas do campo que não estão demarcadas por linhas ou círculos, mas que qualquer aficionado pelo esporte sabe a que lugar correspondem. Esta demarcação virtual é indispensável para a compreensão

³ PINTO, Milton José. Comunicação e discurso – introdução à análise de discursos, São Paulo, Hacker Editores, 1999 (pag 44)

da narração esportiva, mas é preciso lembrar que os termos variam de acordo com a região. Um locutor paulista, por exemplo, pode usar normalmente expressões como “segundo pau”, “cabeceio”, ou “manquitolando”, o que costuma ser rejeitado no Rio de Janeiro, seja pelo duplo sentido ou porque são termos incomuns. Expressões como “lá onde a coruja dorme”, “passou tirando tinta da trave”, “isolou (a bola)” contextualizam o chute e pretendem compor uma imagem do desfecho do lance. O curioso é que muitas destas expressões descritivas foram incorporadas pela televisão, que em princípio dispensaria a descrição literal. Também a participação dos repórteres pretende passar a impressão de que o ouvinte está junto ao campo, acompanhando tudo com os “olhos”. Ele ajuda no relato pormenorizado do lance, com o apoio do microfone multidirecional que potencializa o som-ambiente. A partir da década de 90, as televisões passaram a instalar microfones à beira do gramado, que captam o barulho da bola. Por tabela, captam também os palavrões dos treinadores. /// No jogo entre Vasco e Flamengo, pela decisão do Campeonato do Estado do Rio de 1999, o repórter Gilson Ricardo chega às vezes a dramatizar uma discussão entre o juiz Cláudio Cerdeira e o atacante Edmundo, do Vasco.

“Num quero papo, não. Num começa a catimbá, não. Num começa a reclamá comigo não, pô. Quem apita aqui sô eu. Aí o Edmundo falou: Pô, mas ele mi segurô pela camisa.”

O curioso é saber por que, na hora da pretensa discussão, o repórter não abriu o microfone. Estava longe ou seria pelo medo de vazar palavrão?

c) velocidade – A narração ressalta o aspecto emotivo do espetáculo, mesclando emoção e informação no discurso. A musicalidade e o ritmo veloz – mesmo quando a partida é disputada em ritmo lento – garantem uma emoção própria da narrativa e não do jogo em si. Novamente temos aqui a distinção entre o futebol e a narração do futebol, em que o discurso sobre o real transforma-se no próprio real. O prolongamento da sílaba tônica – “passa raspaaaaannndo o travessão” ou “pêeeeeeeenalti” – reforça a emoção. O acento das palavras com “r” é marca registrada não só da transmissão esportiva, mas da locução radiofônica tradicional. O comentarista de arbitragem Mário Vianna eternizou o grito de “errrrrrrou”, quando o juiz apitava alguma infração com a qual ele não concordava. Vale lembrar que a publicidade e as

⁴ É curioso que muitos jogadores recebem apelidos de animais e de fenômenos da natureza ou armas de efeito

intervenções do repórter seguem o mesmo ritmo. As interrupções se restringem aos sinais sonoros (vinhetas), que geralmente marcam a entrada do tempo de jogo ou o nome da emissora.

A preocupação em mostrar o jogo ao ouvinte é antiga. Na década de 60, *slogans* cunhados por Waldir Amaral na Rádio Globo prometiam: “você está à beira do gramado” ou “Veja o jogo ouvindo a Rádio Globo”. Hoje, com a popularização da TV, o rádio cedeu à concorrência e mudou de *slogan*. “Se o jogo está na TV, a gente se liga em você”. Ou “Veja a Copa na TV, mas ouça com o coração na Record”.

O espetáculo popular

Decisão do Campeonato de Futebol do Estado do Rio de Janeiro.

Jogo Flamengo 1 x 1 Vasco da Gama (1ª partida)

Dia 19 de junho de 1999 / Local: Maracanã

Rádio Globo AM

Narração de José Carlos Araújo; reportagens de Gilson Ricardo, Élcio Venâncio e Loureiro Neto.

A seguir, uma pequena compilação do relato da partida, com as intervenções dos repórteres. A classificação dos verbos pretende mostrar como o movimento dos jogadores adquire vida própria, algo como encantamento, através das metáforas e hipérboles utilizadas para recriar o clima do jogo.

O ritmo de locução de José Carlos Araújo, um ex-professor de Geografia, transforma a narrativa num enunciado que reconstrói o jogo de futebol. As jogadas, os locais do campo, a reação da torcida – o som em B.G. está presente durante toda a transmissão – não são descritos literalmente. Ganham vida própria na voz do locutor. Uma prova desta vida independente é que verbos que apenas descrevem a ação, como driblar, raramente são utilizados. Em vez dele, surgem verbos como “enganar”, “meter entre as canetas” (pôr a bola entre as pernas do adversário) e “fazer de bobo”, entre outros.

A narrativa mantém o mesmo tom de espetáculo na hora da publicidade, como se os anúncios fizessem parte do jogo. As interrupções restringem-se aos sinais sonoros, como tempo de jogo, nome dos clubes envolvidos ou do locutor.

I – Funk de apresentação do locutor José Carlos Araújo.

Os repórteres anunciam o locutor num diálogo ensaiado, como se simulassem a apresentação da atração principal do circo, recorrendo à locução para cima, eternizada pelo narrador de circo.

“Quem é que vem aí no pique da Globo, hein ‘Élcio?

Quem é que tá voltando, hein Gilson?

É ele, sabe tuuuuuuuudo!!!!.”

Em seguida entra o funk gravado, com a letra:

E agora, galera

Como é que vai ficar

São dois times em campo

Mas só um pode ganhar

José Carlos Araújo

A partida vai narrar

Com a equipe da Globo

E a torcida vai vibrar

SOBE SOM DA TORCIDA E LOGO CAI EM BG (back-ground)

EFEITO DE MESA: É campeão. Garotinho!!!!

Alô galera do Vasco

Alô torcida do Flamengo

Todo mundo torcendo

Mas não pode brigar

Vamos todos pro Maraca

Que a emoção vai rolar

E a Taça pra casa

Um dos dois tem que levar

SOBE SOM DA TORCIDA

SUBSTANTIVOS QUE REPRESENTAM O ESPAÇO VISUAL “campo de futebol”

Ponta canhota / Meia direita /

Ponta direita / Quebradas da direita

Comando do ataque / Zaga / Linha de zaga

Linha intermediária / Linha divisória

Linha de fundo / Meíuca / Córner

Entrada da grande área / Bico da grande área

VERBOS QUE DEFINEM O DRIBLE E O DOMÍNIO DA BOLA

Fazer corropio / Fazer o giro / Fazer um carnaval

Incrementar no comando / Dar o primeiro come

Clarear / Trabalhar / Vai mais, vai mais, garotinho

Se manda, vai embora / Atrair a marcação / Sair no pique

VERBOS QUE EXPRESSAM O CHUTE

Atirar um balaço / Apontar, atirar

Chutar cruzado / Cobrar escanteio /Cobrar com a caneta esquerda

Emendar / Encher o pé / Erguer / Pegar o rebote

Mergulhar (o atacante ou o goleiro)

VERBOS E EXPRESSÕES DO PASSE

Tocar em profundidade / Entregar / Dar um bolão / De prima

Tabelar / Preferir rasteirinho / Descolar jogada

Bola longa / Bola virada / Virar o jogo

VERBOS DE MARCAÇÃO

Entrar de carrinho / Carimbar / Cortar

Cortar de qualquer maneira / Derrubar / Chegar e dividir

Salvar (o goleiro ou o beque) / Agasalhar (defender sem deixar rebolte)

Tá assim de gavião em cima dele / Meter a argola (fazer falta)

Dar combate / Dar uma pancada / Deu mole

VERBOS DE AÇÃO DE JUIZ E BANDEIRINHAS

Parou, parou, parou / Olha a bandeirinha

Subiu a amarelinha / Subiu a vermelhinha

MOVIMENTOS DA BOLA

Encobrir a meta / Subir (passar longe do travessão)

Bola longa / Bola virada

TÉCNICA

Fazer cera / Sentir (dor que pode ser contusão)

BORDÕES UTILIZADOS

“Brasileiro não vive sem rádio, o seu melhor companheiro”.

“Na hora da decisão, a Globo é mais”.

“Apite comigo, galera”.

“Gente que se liga na gente

“ Gente de cuca jovem”

“Quase pega na grua, mas foi parar na rua” – já influenciada pela televisão

“E a galera fez huuuu!” – caso de onomatopéia

OBS: O funk contém apelos ao bom comportamento das torcidas rivais. Retira-se o aspecto rebelde do gênero musical adotado pelas populações marginais da periferia do Rio de Janeiro.

CATEGORIAS DO DISCURSO EMPREGADO

Entonação { informação
espetáculo
variedade
publicidade

GOL DO FLAMENGO

José Carlos Araújo (locutor) – Vagner descola jogada na esquerda. É pra Athirson, se manda, vai embora. Tá na entrada da grande área. Procurou, conduziu de novo. Driblou, entregou na esquerda para Rodrigo Mendes. É marcado de perto pelo Geder. Tenta cruzamento. Ciscou, passou por ele. Tenta na ponta canhota. Tentou na área, cabeçada de Fábio Baiano. Entrou. Gooooool do Fla. Fábio Baiano. No cruzamento da esquerda. Bobeira da zaga. Ele se antecipou, repetindo o que Edmundo fizera no gol do Vasco da Gama.

Fábio Baiano. Toque de cabeça escorou no cantinho de Carlos Germano. De cabeça. Fábio Baiano. Agora Mengão um, Vascão um, cinco do segundo tempo. Valeu, Gilson.

A fala é sincopada, com frases curtas e períodos regidos por coordenação. Predominam os verbos, que expressam a ação dos jogadores. Depois do grito de gol, que dura 10 segundos, o locutor recapitula a jogada, dizendo primeiro o nome do autor do gol. É como se o locutor voltasse no tempo, para marcar o momento de êxtase consagrado no gol.

A seguir descreve o lance usando principalmente substantivos. A falha do zagueiro é convertida em gíria (“bobeira da zaga”). Os clubes são citados no aumentativo (“Mengão um, Vascão um”). A *deixa* para o repórter é indicada pela gíria “valeu”, seguida de seu nome.

Gilson Ricardo (repórter) –Alô, galera do Mengão, faz a festa, faz a festa. Rodrigo Mendes fez a lambretinha em cima do Geder. Cruzou. Fábio Baiano antecipou-se a Felipe, que quis matar no peito, ficou meio enrolado. Fábio Baiano deu um minipeixinho, cabeçando a bola para o canto esquerdo de Carlos Germano. Fábio Baiano. Aí Baiano. Me digue, Baiano.

A fala do repórter mistura momentos de catarse (“galera do Mengão, faz a festa”) e informações complementares sobre o lance (“deu um minipeixinho cabeceando a bola para o canto esquerdo”). Não fica claro se a frase “faz a festa” aparece como apelo à torcida ou como constatação. A meu ver, a fala é propositadamente dúbia, porque admite as duas interpretações. No final, exalta o autor do gol, repetindo três vezes o nome do jogador, numa espécie de redundância ufanista. No futebol, quem faz o gol merece ser reverenciado.

Ao longo do tempo, a evolução da narração esportiva contribuiu para acentuar a idéia de que há dois reais em campo: o jogo de futebol em si e a transmissão radiofônica. Um exemplo desta evolução são trechos extraídos da narração dos locutores Jorge Curi e Antônio Cordeiro, pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, na final da Copa do Mundo, no Maracanã, no dia 16 de julho de 1950. Em campo Brasil e Uruguai. O resultado, todos conhecem. Curi narrava os lances do lado à direita das cabines de rádio, e Cordeiro, os do lado esquerdo. Abaixo, o primeiro ataque brasileiro a 1 minuto de jogo:

‘Movimentou Ademir para Jair. Jair atrasou para Bauer. Bauer na frente para Zizinho. Recebe Zizinho. Progride. Na frente para Ademir. Ademir para Zizinho. Avança Zizinho> Atrai Schiaffino. Passa por ele. Deu para Ademir! Ademir para Zizinho. Cortou Matias Gonzalez! Insiste Zizinho. Manda Rodriguez Andrade para córner! (SOM DE FOGUETES).

Córner contra o Uruguai. Vai ser batido por Friaça na ponta direita. Prepara-se Friaça. Cobrou, à boca da meta (FOGUETES). A pelota passou por todo mundo e ficou agora para Gambetta. Perdeu para Chico, que deixa a pelota sair pela linha de fundo (...) Cobrou Matias Gonzalez o tiro de meta. Bota no centro da cancha, na cabeça de Danilo, que dá para Chico (BARULHO DA TORCIDA). Chico engana espetacularmente, topou com Gambetta, mas caiu também e a pelota se escoou pela lateral. Lateral favorável à equipe uruguaia.⁵

A narração obedece a uma estrutura marcadamente descritiva, com os nomes dos jogadores e as ações, expressas nos verbos, sendo apresentadas de forma objetiva e discreta. A emoção concentra-se no tom da narração e no som ambiente (foguetes e ruído da torcida). A maioria dos verbos utilizados é denotativa (“movimentou”, “atrasou”, “recebeu”, “progrediu”,

⁵ PERDIGÃO, Paulo. Anatomia de uma derrota – 16 de julho de 1950, Brasil x Uruguai, Porto Alegre, L&PM Editores, 1986

“avança”, “atrai”, “passa”, “deu”, “cortou”, “vai ser batido”, “cai”. Alguns verbos ensaiam uma escaramuça metafórica (“insiste”, “engana”, “topou”, “escoa”). Substantivos como “cancha”, “pelota” e “boca da meta” soam hoje, 50 anos depois, como personagens do passado no campo da linguagem, o que ajuda a provar que a narração esportiva, como qualquer discurso jornalístico, tem vínculos com seu tempo. Quem não obedece esta regra corre o risco de “deixar a bola sair pela lateral”.

Aos 14 minutos do primeiro tempo, o primeiro ataque do Uruguai.

Momentos de sensação nos segundos iniciais da partida com um ataque perigoso do Brasil. Prepara-se Gambetta para movimentar. Cobrou a lateral. Entregou na direção de Julio Perez. Vai sobre ele Danilo e o desarma, tentando dar ao ataque brasileiro. Corta porém Gambetta e dá na frente para Ghiggia. (BARULHO DA TORCIDA). Ghiggia é desarmado por Juvenal. Recuperou Julio Perez. Deu para Miguez. Vai progredindo Miguez. Adiantou-se Atirou de fora da área... (TORCIDA). Defendeu Juvenal! A bola bateu em Juvenal e foi para ghiggia. Ghiggia combinou bem com JulioPerez. Caíram agora Juvenal e Miguez e o juiz marcou *foul*. Marcou lateral. Arremesso lateral de Bigode. Bigode na frente para Chico. Corre Chico pela esquerda. Entregou a bola a Ademir. Cortou Matias Gonzalez (TORCIDA). Recuperou Jair. Perdeu para Obdulio Varela. Obdulio na frente para Julio Perez., que perde agora para Bigode (TORCIDA). Bigode na esquerda, na direção de Chico, mas o juiz marcou foul de Bigode em Julio Perez, nas imediações da linha divisória do gramado.

Vai ser cobrada a falta contra as cores brasileiras por intermédio de Gambetta para o selecionado do Uruguai. Prepara-se Gambetta. Tudo pronto para a cobrança da falta, enquanto o juiz advertiu Bigode (...) Cobrou Gambetta. Bola pingando na área brasileira. Cabeceou Juvenal, defendendo. (TORCIDA). O couro volta então para Obdulkio Varela, que é desarmado entretanto por Bigode. Bigode para Jair. (TORCIDA). Jair na frente para Zizinho. Vai levando Zizinho. É perseguido pelas costas por Schiaffino. Bateu Schiaffino, a primeira vez. Continua Schiaffino a persegui-lo. Fica o couro então em poder de Bauer. Bauer atrasou para Augusto. Pára a pelota no terreno Augusto. Deu na frente na direção de Ademir. Passe mal feito, rebateu Matias Gonzalez (BARULHO DA TORCIDA).

Recupera entretanto Zizinho. Vai para o ataque Zizinho. Atinge a intermediária xcontrária. Entregou a pelota a Ademir (TORCIDA).

Avança, prepara e atira... Defendeu Máspoli! Defendeu Máspoli o tiro de Ademir de fora da área. Deu com a mão! A pelota chegou para Jair. (TORCIDA).⁶

Gol do Brasil

⁶ Idem, ibidem

NOS TEMPOS DO SPEAKER

As datas e nomes variam de acordo com a fonte, mas a maioria dos pesquisadores elege o dia 19 de julho de 1931 como o da primeira transmissão radiofônica na íntegra de uma partida de futebol no Brasil. Naquela tarde de domingo, o *speaker* Nicolau Tuma, da Rádio Educadora Paulista, toma fôlego, inspira o ar puro de São Paulo e saúda os ouvintes: “Estou aqui no reservado da imprensa contemplando as arquibancadas. Estou ao lado das gerais e vou tentar transmitir para vocês que me ouvem um relato fiel do que irá acontecer no campo”.⁷ Lá dentro as seleções de São Paulo e do Paraná disputavam um *derby* pelo Campeonato Brasileiro de Seleções, no gramado da Chácara da Floresta. Os paulistas venceram por 6 a 4. Em pouco tempo Tuma ganharia o apelido de “*speaker* metralhadora” pela rapidez de sua narração.

No Rio de Janeiro, o primeiro locutor de futebol, de acordo com o radialista Renato Murce, autor de *Bastidores do Rádio*, foi Amador Santos, da Rádio Clube, em meados dos anos 30. Suas transmissões eram marcadas por um estilo sóbrio, sem mesuras, nem bordões. Também marcante era sua obstinação para contornar os obstáculos criados por dirigentes de clubes, que viam no rádio uma ameaça às bilheterias dos jogos.

“Foi proibido de entrar em todos os campos de futebol nos dias dos jogos. Mas ele inventava sempre um meio de transmiti-los: de binóculo, de alguma casa distante, atrás de um muro. Certa vez teve a entrada barrada no campo do Vasco, num Fla-Flu. Havia por perto umas casas, de onde se podia ver alguma coisa. Ele deu um jeito: fez a irradiação trepado no poleiro de um galinheiro de uma daquelas casas. Entre cacarejos e outros ruídos estranhos, a transmissão resultou num sucesso. E deu muito o que falar” (Bastidores do rádio – fragmentos do rádio de ontem e de hoje, Renato Murce, pag 60).

Naqueles tempos, irradiar futebol mesclava lances de sacrifício e criatividade. Não havia tribunas de imprensa no estádio, nem numeração nas camisas dos jogadores. Muitos lances eram praticamente recriados pelos locutores e nem sempre os nomes dos craques coincidiam. Mas pelo menos um havia que acertar: o autor do gol. Foi daí que os locutores pioneiros começaram a estender o grito de gol, para que houvesse tempo de os auxiliares indicarem o nome do jogador.

Ainda na década de 30, o jornal **A Noite** – proprietário da Rádio Nacional – resolveu inovar e passou a distribuir um encarte com o campo de futebol dividido em dezenas de pequenos

quadrados, cada qual com um número. Assim o locutor da rádio transmitia os lances indicando em que quadrado acontecia, para que o ouvinte, com o jornal na mão, pudesse acompanhar a jogada. A iniciativa não durou muito tempo.

A primeira Copa do Mundo transmitida pelo rádio foi a de 1938, na França. O speaker Gagliano Neto narrou os cinco jogos do Brasil para as emissoras Byington (Rádio Clube do Brasil e Cruzeiro do Sul, no Rio; Cosmos e Cruzeiro do Sul, em São Paulo), com o patrocínio do Cassino da Urca. Nas décadas de 40 e 50, cresce o número e a versatilidade dos locutores esportivos, que desenvolvem estilos próprios e cativam audiência. Oduvaldo Cozzi, Pedro Luiz, Afonso Scola, Rebelo Junior, Ary Barroso, Waldir Amaral, Clóvis Filho, Orlando Batista, Jorge Cury, Osvaldo Moreira, Geraldo José de Almeida e Osmar Santos são apenas alguns desses nomes que povoaram o imaginário popular com suas narrações ricas em bordões.

De todos, o mais folclórico e eclético foi, sem dúvida, Ary Barroso, misto de compositor, apresentador de programas de calouros e *speaker*. Nascido em Ubá, Minas Gerais, Ary veio para o Rio para tentar a sorte no rádio. Começou na Cruzeiro do Sul, substituindo Afonso Scola por indicação do médico e radialista Paulo Roberto. Sua estréia aconteceu justamente no estádio de Álvaro Chaves num Fla-Flu, o que para um torcedor rubro-negro fanático como Ary era uma dupla temeridade; pela estréia e pela paixão. Bem sucedido na estréia, Ary Barroso parte para uma carreira consagrada, permanecendo 19 anos na Rádio Tupi, onde lançou bordões, a gaita que anunciava os gols e a moda de apelidar repórteres de campo.

No livro *Recordações de Ary Barroso*, o jornalista Mário Moraes narra peripécias vividas pelo compositor quando encontrava obstáculos para narrar partidas de futebol. Aqui vão duas delas. A primeira foi quando os dirigentes do Vasco proibiam sua entrada em São Januário em represálias às críticas desfechadas contra a direção do clube. A proibição aconteceu poucos dias antes do clássico Vasco e Fluminense.

Os dirigentes do clube da Cruz de Malta haviam declarado que ele não transmitiria, em hipótese alguma, aquela partida. E o locutor da gaitinha resolvera topar a parada. A Cinédia estava instalada nas proximidades do campo vascaíno. Ary foi procurar o dono da empresa, Ademar Gonzaga, e fez-lhe um pedido: queria irradiar a partida do telhado da companhia cinematográfica. ADEMAR Gonzaga cedeu. Assim, durante a semana do jogo, dois operários, com roupas da Light, andaram trabalhando no telhado do edifício da Cinédia. Dir-se-ia que consertavam a instalação elétrica, mas,

⁷ Depoimento concedido a Edileuza Soares e extraído do livro “A bola no ar – o rádio esportivo em São Paulo”, São Paulo, Summus, 1994 (pags 29 e 30)

na verdade, montavam a aparelhagem de som da Rádio Tupi. Daquele local, embora precariamente instalado, Ary Barroso via parte do campo do Vasco e poderia transmitir a partida. Mas um alcagüete foi denunciá-lo ao estado-maior de São Januário. No dia seguinte ao jogo, comemorava-se o aniversário do Fluminense Futebol Clube. E nisso se basearam os diretores vascaínos para barrar as pretensões de Ary. No sábado anterior à partida, foi fazer uma experiência no telhado da Cinédia e teve desagradável surpresa. Do campo, que só via um aparte, nada mais restava. Bem à sua frente, tampando-lhe a visão, haviam colocado um imenso cartaz, com dizeres: ‘Ao nosso valoroso co-irmão Fluminense F.C., na data do seu aniversário, C. R. Vasco da Gama te saúda.’ Ary perdeu a batalha, mas não perdeu a guerra. No dia do jogo, a Tupi mandava ao ar, com gaitinha e tudo, os lances da partida. Empoleirado no telhado do Ginásio Pio-americano, de onde via perfeitamente o campo de São Januário – ajudado por binóculos –, Ary Barroso transmitia, em todos os seus detalhes, aquele Vasco X Fluminense.”⁸

Outra história contada por Mário de Moraes diz respeito ao artifício usado pela TV Tupi para romper a exclusividade da Rádio Mayrink Veiga, que havia adquirido sozinha os direitos de transmissão do Campeonato Sul-americano de 1942, em Montevideu. Para garantir o bloqueio, a Mayrink Veiga obteve o compromisso da Federação Uruguaia de Futebol e da Companhia de Telégrafos e Radiocomunicações de impedir o acesso da Tupi ao estádio. A equipe da Rádio Tupi decidiu então irradiar o jogo a partir de Buenos Aires, acompanhando as transmissões de Oduvaldo Cozzi, da Mayrink Veiga, e de Luiz Elias Sojit, de uma emissora argentina. O som da torcida no estádio foi substituído por um disco com barulho de multidão. O relato seguinte foi extraído do livro *Recordações de Ary Barroso*:

Passados os primeiros minutos do jogo, com medo de cair numa armadilha preparada por Cozzi, Ary passou a ouvir apenas o *speaker* platino. E, com um atraso máximo de quatro segundos, descreveu todos os lances da partida. Chegando até, graças a um lance de rara felicidade, a irradiar primeiro que Cozzi o segundo gol da Argentina, o da vitória (2x1). Pois, naquele momento, o locutor da Mayrink Veiga lia um anúncio do patrocinador. O *background* sonoro, Ary conseguia com o disco que levava no *pick-up*. Enquanto no Rio o povo delirava com a façanha de Ary Barroso, em Montevideu Cozzi e os demais componentes de sua equipe – que haviam transmitido a notícia da transmissão da Tupi – viravam a cidade pelo avesso para descobrir de onde a emissora associada estava irradiando. E cada vez que Ary tocava a sua gaitinha confirmando um gol, era como se recebessem verdadeira punhalada no oração.⁹

⁸ MORAES, Mário. *Recordações de Ary Barroso*, Rio de Janeiro, MEC/Funarte, 1974

⁹ idem, *ibidem*

A gaita que imortalizou as transmissões de Ary Barroso foi um recurso para marcar o momento do gol, uma vez que ele transmitia junto à torcida, sem cabine, e às vezes as comemorações abafavam a descrição do lance. Mário de Moraes conta que o locutor rodou várias lojas de brinquedos do Centro, à procura de um sinal sonoro que sobrevivesse ao barulho dos torcedores.

Viu um sino. Experimentou-o, Muito incômodo. Suas mãos ficavam todo o tempo ocupadas com o microfone e o livro de anunciantes. O sino atrapalharia o serviço. Achou uma gaita enorme. O som era fanhoso e em pouco tempo ninguém mais o suportaria. Deixou-a de lado. Encontrou uma sirena. Muito interessante. Ao usá-la, cortou o dedo. Já estava desesperançado quando entrou numa loja, na rua da Carioca, de propriedade do falecido *Chocolate*, na época diretor de basquete do Vasco da Gama. – Eu tenho uma caixa de um negócio que se sopra e sai um som bem curioso. Quer vê-la?, perguntou *Chocolate*. Ary disse que sim. *Chocolate* trouxe um monte daquelas gaitinhas que haveriam de lembrar, para sempre, o locutor esportivo Ary Barroso. Foi experimentar e gostar. A gaita tinha uma escala cromática irregular, aguda, ótima para o caso. Levou uma porção delas. No jogo seguinte, anunciou a novidade. E fez uso dela. Não desejando dar rebate falso, apelou para os juízes: sempre que o gol fosse válido, apontassem em direção ao centro do campo. Só então Ary Barroso tocava a gaita, com força, confirmando o tento. Depois descrevia o lance.

Inaugurava-se assim o que se tornaria marca registrada dos locutores esportivos: o estilo personalizado de narrar o gol. Um dos que mais exploraram no rádio a emoção do momento do gol foi Waldir Amaral, locutor da Rádio Continental que se consagrou na Rádio Globo nos anos 60. A enxurrada de bordões cunhada por Waldir – “tem peixe na rede do Flamengo”, “indivíduo competente este Jairzinho” – fazia com que a narração de cada gol tomasse mais de dois minutos de transmissão. Nem quando havia gols seguidos, Waldir abria mão de seus bordões, preferindo dispensar detalhes da narração do lance.

Ao encerrar as transmissões, Waldir Amaral anunciava em tom solene: “está deserto e adormecido o gigante do Maracanã”.

BIBLIOGRAFIA

SOARES, Edileuza. A bola no ar – o rádio esportivo em São Paulo, São Paulo, Summus, 1994

PERDIGÃO, Paulo. Anatomia de uma derrota – 16 de julho de 1950, Brasil x Uruguai, Porto Alegre, L & PM Editores, 1986



PINTO, Milton José. Comunicação e discurso – introdução à análise de discursos, São Paulo, Hacker Editores, 1999

MORAES, Mário de. Recordações de Ary Barroso, Rio de Janeiro, FUNARTE, 1979

MURCE, Renato. Bastidores do rádio, Rio de Janeiro, Imago, 1976

Entrevista com o jornalista e radialista Teixeira Heizer, em julho de 2000